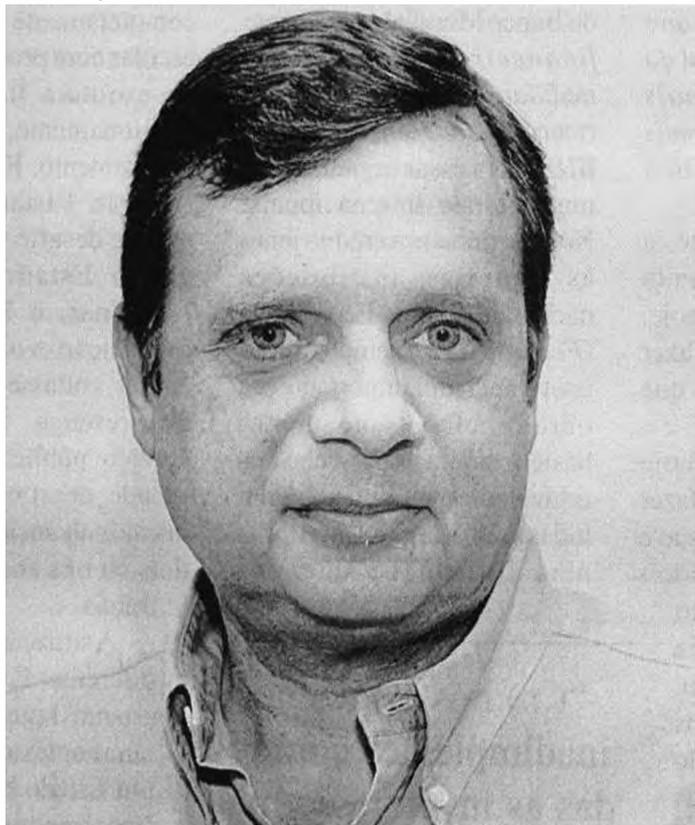


TASSO JEREISSATI

## *Governador administra o Ceará com estilo herdado de seus ancestrais*



Tasso Jereissati: no terceiro mandato à frente do Ceará, eterniza-se na política do Estado e garante seu espaço na história, como um dos mais populares governantes.

**A** genealogia da família Ribeiro deriva diretamente dos Barbosa. Na verdade o Governador do Estado do Ceará só não tem esse sobrenome por opção de sua avó, que não pôs em nenhum de seus cinco filhos o "Barbosa". Assim sendo, quando nasceu o terceiro filho do casal Maria de Lourdes da Costa Ribeiro e Carlos Jereissati, o nome na certidão era Tasso Ribeiro Jereissati. Ribeiro da mãe e o Jereissati, do pai, sem o Barbosa da avó.

Mas qual a importância desse nome na história do Governador Tasso Jereissati? A resposta remete-nos ao ano de 1631, mais precisamente às origens familiares dos Ribeiro e apresenta-nos ao Capitão Domingos Fagundes Barbosa, militar português que se tornou conhecido por seus notáveis e heróicos feitos, primeiro na Bahia e depois em Pernambuco, durante as investidas armadas de Portugal para combater a invasão holandesa em território do Nordeste brasileiro.

O Capitão Domingos Fagundes Barbosa, avô muitas gerações passadas de Tasso Jereissati, participou de forma decisiva de diversas batalhas, sempre organizando e comandando as populações locais em ofensivas contra os invasores da Holanda. O Capitão foi ferido diversas vezes mas jamais abandonou seus comandados nem sequer retrocedeu uma única vez, fato que lhe valeu o apelido com o qual ficou conhecido: o "Tinhoso", numa referência à sua bravura e persistência..

Para muitos, apelido que bem caracterizaria toda a família, desde o ramo dos Barbosa até os Ribeiro. Mas se todos assumiram tal perfil é difícil afirmar. O certo é que Tasso Jereissati pode ser chamado de "Tinhoso", teimoso, perseverante; marcas particularmente nítidas em sua

personalidade, a partir da campanha que culminou com a eleição incontestável do então apenas empresário Tasso, para seu primeiro mandato como Governador do Estado do Ceará. Era a promessa de uma nova mentalidade gerencial para um Estado loteado e dominado pela retrógrada política do continuísmo.

Seguramente se o velho Capitão Domingos Fagundes Barbosa, o "Tinhoso", fosse vivo para presenciar aquele momento, se sentiria orgulhoso ao perceber que naquele jovem de olhos azuis já começava a forjar-se um verdadeiro herdeiro do espírito que fora a maior característica de sua vida de militar: a vontade de lutar e principalmente vencer desafios. E não bastava apenas vencê-los. A vitória deveria ser incontestável, sem margem alguma para reviravoltas.

Foi assim no ano de 1986, quando tornava-se Governador pela primeira vez e assim seria em diversas outras ocasiões. Algumas delas deixariam o velho Capitão Tinhoso rindo à toa, como fora nos casos da greve da Polícia Militar, em 97, e do acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no Centro de Fortaleza. Ambas as manifestações foram pulverizadas pelas ações enérgicas do Governador, que não vacilou em optar pelo enfrentamento policial.

Mas o pulso forte de Tasso Jereissati não é uma marca de intransigência ou tirania, e sim de pura convicção, de certeza e confiança em seu pensamento e nas ações empreendidas tanto em casos extremos quanto no dia-a-dia como pai de família ou Governador do Estado. De fala mansa, contudo firme, o governador transmite calma a quem dirige suas palavras. Não fosse a conversa na enorme mesa de reuniões negra, caprichosamente polida em seu gabinete, certamente não se teria a impressão de estarmos diante do homem mais poderoso do Estado.

O ambiente quase opressor daquela sala excessivamente oficial fortalece o mito do tirano que vive no Cambéba. Não é assim. O homem que surge na sala, interrompendo a frenética rotina de Governador do Estado, veste uma de suas tradicionais camisas azuis. Mangas curtas, sem paletó, muito menos gravata. Cumprimenta o grupo apreensivo de entrevistadores e começa a mostrar-se um homem simples, ao contrário do imaginário. Parece um homem comum, mas de certo Tasso Jereissati não o é.

Mas isso não significa que seja um sujeito sisudo. Muito pelo contrário. Chega sorrindo e mostra-se bem humorado mesmo quando a entrevista toca em assuntos polêmicos. O governador e um dos mais sólidos aliados do presidente Fernando Henrique, em momento algum, altera o cortês tom de voz. Olha direto no olho de seu interlocutor e invariavelmente, com extrema tranquilidade, responde uma a uma as perguntas. Não lembra em nada o homem enérgico que fulminou com medidas duras as manifestações tanto da polícia militar quanto do MST, em Fortaleza.

Mostra-se mais como o homem que em seus três mandatos como governador doa seu salário à Santa Casa da Misericórdia. E não o faz por ser "bonzinho" ou para demonstrar caridade. Faz porque é o que lhe parece o mais correto a ser feito. Assim é o cidadão Tasso Jereissati. Um homem calmo, firme naquilo que acredita e incansável na defesa de suas convicções. Um líder nato de espírito guerreiro, não preocupado em agradar este ou aquele, preocupado sim, em ser fiel às suas convicções, sem medir esforços para tal. Um homem digno do apelido dado àquele que deu origem à família Ribeiro, o Capitão "Tinhoso".

**Entrevista com  
Tasso Jereissati,  
dia 01/11/99.**

**Produção, redação,  
edição e texto final:**

Adailma Mendes, Danielly  
Brasileiro Batista, Luís  
Celestino e Marta Araújo.

**Texto de abertura:**

Pedro Lyra.

**Participação:**

Adailma Mendes, Caroline  
Nogueira, Danielly Brasileiro  
Batista, Luís Celestino,  
Marta Araújo, Pedro Lyra,  
Tassiana Ribeiro e Victor  
Vasconcelos.

**Foto:** Alexandre Vale.



O primeiro passo foi conseguir o telefone do Cambé. Comenta-se que os números de telefone de lá vivem mudando. Mas, com a ajuda de jornalistas do jornal O Povo, conseguimos a esperança do primeiro contato.

**Danielly** - Governador, o senhor está prestes a concluir o primeiro ano do seu terceiro mandato como governador do Estado. Comparando-se o ano de 87 com a situação atual do Estado, o que foi mais gratificante e o que foi mais frustrante para o político Tasso Jereissati?

**Tasso** - Oitenta e sete, a situação do Estado era muito diferente da situação de hoje. É muito difícil até você fazer uma comparação entre o que estava acontecendo em 87 e o que está acontecendo hoje (pausa). É difícil até você fazer uma avaliação de realização e frustração comparados os dois períodos, que são muito distintos entre si. A maioria de vocês, a maioria não, todos aqui são muito jovens e, em 87, acho que não acompanhavam a realidade do Estado do Ceará.

Mas tentando levantar um pouco do que acontecia em 87, o Estado do Ceará tinha problemas estruturais e problemas conjunturais muito graves. Nós éramos um Estado literalmente quebrado. Para vocês terem uma idéia, quando nós assumimos o governo em 87, a folha de pagamento estava atrasada quatro meses. Há quatro meses não se pagava nem um tostão da folha de pagamento. Algumas folhas, de alguns setores, estavam atrasadas mais de um ano.

O nosso comprometimento de juros em relação às nossas receitas estava também de um ano pra frente, ou seja, além da folha atrasada, nós tínhamos as nossas receitas comprometidas praticamente de um ano pra frente. Nós não tínhamos crédito, porque nós estávamos inadimplentes com todas as instituições que, para um Estado - qualquer estado brasileiro -, são fundamentais,

mas para um Estado pobre como o Estado do Ceará são mais ainda. Nós não tínhamos crédito pra conseguir recursos do Banco Mundial (*organismo financeiro internacional multilateral*), Banco Interamericano (*de Desenvolvimento, BID*), com essas organizações multilaterais internacionais. Nós não tínhamos crédito junto às próprias instituições nacionais, Caixa Econômica (*Federal*), por exemplo, que é um financiador importante pra obras como saneamento básico, habitação. Porque nós estávamos inadimplentes com todas as instituições, não tinha uma instituição que nós

---

“(...) nós estávamos inadimplentes com todas as instituições, não tinha uma instituição que nós tivéssemos com os nossos compromissos em dia.”

---

tivéssemos com os nossos compromissos em dia, e nós estávamos, também, por causa disso, prejudicados em qualquer tipo de investimento.

Evidente que isso trazia pro Estado toda uma queda de autoestima muito grande. A sensação era generalizada que isso (*Estado*) não tinha jeito. Não tinha jeito e que não adiantava e, enfim, as expectativas estavam praticamente anuladas. A máquina pública, em função disso, também estava totalmente desmantelada. Lembro-me que um dos primeiros problemas que nós tivemos que enfrentar foi que, em função disso, a polícia, por exemplo, não tinha bala nem gasolina nos seus carros porque não tinha

dinheiro, nem crédito nos postos pra colocar gasolina no carro. As salas de aula não tinham giz. Elas estavam completamente arrasadas. As escolas com problemas não só na estrutura física, mas de funcionamento, carteira, giz, equipamento. Então, era uma situação bastante grave. O grande desafio era fazer com que o Estado voltasse a funcionar, o Estado como instituição voltasse a funcionar, voltasse a ter o mínimo de presença, o mínimo de serviço público. Esse era o grande desafio que eu acho que nós alcançamos depois de dois ou três anos de administração.

A situação, hoje, é muito diferente. Eu acho que nós estamos hoje, relativamente, num contexto nacional, com um Estado bem arrumado, fiscalmente bem equilibrado. Essas preocupações todas já não são mais preocupações. Não tem ninguém preocupado se vai receber ou não a folha, se vai faltar gasolina pros carros da polícia, se vai faltar giz na sala de aula. O crédito do Estado (*está*) recuperado e, evidentemente, os desafios hoje são muito mais amplos e mais difíceis porque aí é fazer com que o Estado, além de voltar a funcionar, seja eficiente e seja capaz de com esse crédito que ele conquistou trazer o desenvolvimento econômico e social. Evidentemente, esse sonho de desenvolvimento econômico e social ainda não é um sonho realizado.

**Adailma** - Então Governador, mesmo com essas conquistas, como pôde até comprovar o próprio relatório do BID (relatório divulgado no dia 23 de junho de 1999, que fez uma avaliação do desempenho do governo e que

A própria casualidade nos ajudou para persistir em marcar a entrevista. O artista Manassés, que era previsto para ser o segundo entrevistado, teve de passar a ser o primeiro, sendo a entrevista com Tasso adiada.

concluiu que houve uma redução da pobreza, crescimento econômico, equilíbrio fiscal, embora ainda seja grande a pobreza e a concentração de renda, *que saiu este ano, falando ainda de 49% da população em nível de pobreza no Ceará, o que é que ainda é preciso pra resolver esse problema, já que houve essa conquista na parte fiscal?*

**Tasso** - Não é só na parte fiscal. Houve conquista na parte do Estado como um todo. Primeiro, o Estado voltou a ser Estado. As escolas voltaram a funcionar. A segurança voltou a funcionar. Os hospitais voltaram a funcionar. As estruturas da agricultura voltaram a funcionar. Não é só a parte fiscal, o Estado voltou a funcionar. O Estado estava completamente parado. E é preciso muita coisa ainda.

Esse relatório do Banco Mundial precisa ser bem entendido. Ele é um relatório que foi solicitado pelo Estado. Hoje, é uma prática muito comum em qualquer instituição, você solicitar uma auditoria de terceiros, consultoria de terceiros, diagnósticos de terceiros para avaliar o seu desempenho. *(Por exemplo)* Uma universidade. Então, era bom que a universidade pedisse a uma instituição independente qualquer para avaliar o seu desempenho onde tá errado, onde poderia ter sido melhor, fazer um diagnóstico da situação atual da universidade. Assim, nós fizemos com o Estado. E o que o relatório do Banco Mundial apresenta é isso.

Nós temos uma situação de pobreza ainda muito séria no Estado, mas nós evoluímos bastante. Se nós pegarmos os mesmos índices que o Banco Mundial adotou como índice

de pobreza, que é 65 reais por pessoa, nós saímos de 64% pra 49%, o que é um avanço, mas mostra que ainda temos um caminho muito longo a perseguir *(pausa)*. E hoje, já tem até um novo índice de desenvolvimento, que não é só o de renda, mas envolve outros aspectos também, que é chamado de IDH *(Índice de Desenvolvimento Humano)*. Você procura fazer um desenvolvimento mais qualificado, que tem o crescimento de renda, que é fundamental. Sem o crescimento de renda nós não vamos conseguir sair da situação de pobreza. E você

---

“(...)era bom que a universidade pedisse a uma instituição independente qualquer para avaliar o seu desempenho onde tá errado(...)”

---

tem a melhoria de usos sociais como educação, expectativa de vida, o número de casas servidas por saneamento básico, por eletricidade, por energia rural. Então, é necessário se atacar todos esses flancos ao mesmo tempo para que se possa recuperar não só os índices de renda, mas os índices de desenvolvimento social.

**Tassiana** - Governador, então, o que continua sendo o grande desafio?

**Tasso** - Emprego, geração de emprego *(páru e pensa por alguns segundos)*. A questão da água estruturalmente ainda é um grande desafio *(pausa)*. A questão da educação, em que nós conseguimos um avanço fantástico na educação

primária no ensino básico. Mas nós temos um novo cenário mundial em que as pesquisas e os estudos demonstram que só o ensino básico não leva à capacitação profissional, então, paralelo ao ensino básico é necessário se fazer um grande esforço de capacitação profissional, e resolver, desenvolver ou evoluir na questão da pobreza rural, que é o grande foco de problemas que nós temos hoje, a questão da pobreza rural.

**Victor** - Governador, com relação à política do seu governo de atração das indústrias pro Estado, o que foi muito disseminado na imprensa e, enfim, entre outros órgãos, é que essas empresas viriam com incentivo fiscal de alguns anos sem pagamento de impostos. Por isso que elas vieram, elas se sentiram incentivadas a vir pra cá. Qual é o fundo de verdade disso? E qual seria o ônus que o Estado estaria pagando para essa vinda de indústrias pra cá?

**Tasso** - Sem dúvida, em parte isso é verdade. O que é que nós fizemos? Nós fizemos uma política de atração de investimentos com isenção de impostos. Partindo dessa premissa, desse pressuposto de que a questão do emprego é o nosso principal problema, então, nós precisamos resolver o problema de emprego, e não existe nenhuma outra política de curto prazo conhecida de se atrair investimentos aceleradamente sem que seja através de incentivos, usando incentivos fiscais também. São uma série de incentivos. É uma política muito mais ampla que inclui incentivos fiscais que são fundamentais. Qualquer parte do mundo que tentou algum tipo de crescimento, de oferta de emprego acelerada, utilizou



As tentativas de contato com o assessor do Governador, Denisio Pinheiro, eram constantes. Isso nos fez ficar quase íntimos das duas secretárias da assessoria de imprensa do Governador, Ana Valéria e Inês, que sempre nos atenderam muito bem.

Depois de diversas ligações, de recados deixados na caixa postal do celular do assessor, sem falar na visita que fizemos ao Cambéba, Denisio se fez presente entre nós.



Denísio Pinheiro chegou a nos ligar perguntando se a entrevista não poderia ser antes da data proposta por nós. A esperança de tudo dar certo surgiu na turma.

o sistema de incentivo fiscal.

Agora, nós poderíamos usar essa política de incentivo fiscal à medida que esse incentivo fiscal não atrapalhe diretamente os serviços públicos. À medida que nós já temos esse equilíbrio fiscal, e poucos estados têm esse equilíbrio fiscal. Poucos estados podem oferecer. Então, num regime de competição, a vantagem que nós tínhamos na questão de emprego para atrair investimentos que gerassem empregos seria o fato de nós termos equilíbrio fiscal e podermos fazer incentivo fiscal. Agora, na verdade, não existe perda nenhuma pro Estado. Existem ganhos que não serão efetuados num período determinado por esse incentivo. Porque se você atrai uma indústria de calçados, por exemplo, que não existe e que não viria pra cá, ela está gerando um imposto que não existiria. É um imposto que passou a existir com a vinda dela pra cá. Quando você isenta parte desse imposto, na verdade, o Estado está ganhando, porque ainda tem um imposto residual que ele passa a ter. Deixa de ganhar o restante do imposto que foi dado pelo incentivo.

**Pedro** - Governador, de que modo as populações rurais, que são o grosso da pobreza no Estado, podem se beneficiar dessa política de atração de indústrias pro Estado?

**Tasso** - Todo programa de industrialização tem como foco a interiorização desse programa. O incentivo aumenta a medida que você vai se distanciando das áreas urbanas. Então, o objetivo é criar nos municípios pólos de atração de empregos, minimizando os efeitos da pobreza rural. Que você tenha

condições de ter empregos industriais já que nós não temos uma agricultura suficiente pra gerar (uma oferta de) empregos proporcional à população. Nós temos hoje no Estado do Ceará cerca de 34% de população rural e temos mais de 83% da nossa área no semi-árido, além de estarmos sujeitos a questões climáticas, periodicamente, em que há perda de safra violenta. Então, é necessário se desenvolver uma política que se perca essa dependência excessiva da área rural. Essa política de investimentos tem como objetivo também diminuir essa dependência tão grande da população à

---

“(...) não existe nenhuma outra política de curto prazo conhecida de se atrair investimentos aceleradamente sem que seja através de incentivos.”

---

produção agrícola. Só pra fazer uma comparação: nos países desenvolvidos da Europa, por exemplo, a média é de seis a oito por cento de população rural; países como os Estados Unidos têm dois por cento de população rural; Estado como São Paulo, o mais desenvolvido, tem dez por cento de população rural. Aqui nós temos 34% de população rural. Você agrega a isso o fato de ainda sermos um Estado pouco vocacionado para a agricultura. Essa situação, se nós não resolvermos, sempre vai ser grave.

**Tassiana** - Governador, isso tem alguma coisa a ver com o que saiu no *Jornal O Povo* (jornal cearense mais

antigo em circulação) que há uma redução de 18,58% da área plantada no Ceará (nos últimos dez anos, matéria divulgada na edição do dia 27 de outubro). *É o coordenador da Comissão Pastoral* (da Terra, padre Ermano Allegri) acusa o governo de desinteresse pela agricultura...

**Tasso** - Olha, a tendência mundial é o aumento da produção agrícola e um decréscimo da área plantada, especificamente plantada. Depende de que parâmetros você toma. Hoje, a tendência da agricultura mundial é você ter uma agricultura cada vez com maior produtividade, plantar em áreas menores, produzindo muito mais do que se plantava em áreas muito maiores. Nós tínhamos aqui no Estado, por exemplo, vastas áreas que viviam do algodão. Então, a produtividade era absolutamente impossível de ser suficiente para sustentar de uma maneira minimamente razoável uma família. Então, à medida que se procura aumentar a produtividade, tem que ser

esse o nosso objetivo na área rural: aumentar a produtividade, aumentando a renda e o poder aquisitivo da população rural e, também, à medida em que há uma tendência natural de desenvolvimento de uma urbanização maior, esses fatos, esse tipo de evolução de maneira equilibrada, deve acontecer.

**Tassiana** - A diminuição da área plantada, então a tendência é essa?

**Tasso** - À medida em que nós temos um aumento da população urbana e um aumento da produtividade. Uma coisa tem que acompanhar a outra. Você tem limite, não é pra você acabar ou diminuir de maneira drástica a

Devido a uma convocação do Presidente da República para todos os Governadores, nossos planos foram novamente adiados para uma data a ser posteriormente confirmada.

área plantada. O que se quer é aumentar a produtividade e aumentar as zonas urbanas.

**Tassiana** - Mas isso não geraria pobreza?

**Tasso** - Não, ao contrário. Toda a nossa pobreza tá na zona rural... Toda a nossa pobreza... (*corrigindo-se*) Toda a nossa pobreza!? A grande concentração dos nossos problemas sociais estão na nossa zona rural. Analfabetismo, mortalidade infantil, indigência, todos, não todos, concentrados na área rural. E foi o que eu acabei de falar, das nossas condições de solo e de clima, dificilmente nós conseguiríamos sustentar uma população tão alta vivendo de agricultura.

**Pedro** - O relatório do BID coloca como alternativa para essa situação um maior investimento em estrutura pra combater a seca, capacitação e também reforma agrária. O senhor concorda com isso? Que caminhos poderiam ser trilhados nesse sentido?

**Tasso** - É, recursos hídricos são fundamentais. Nós precisamos resolver o problema. Nós não vamos resolver o problema nunca com essa população rural de uma maneira satisfatória o problema da água, mas nós precisamos ter minimamente resolvida a questão hídrica. A nossa agricultura tradicional, essa agricultura a que se refere essa reportagem (*apresentada por Tassiana na pergunta referente à diminuição da área plantada no Estado nos últimos dez anos*) é a agricultura que é a mais perversa de todas, que a agricultura de subsistência e de meia, chamada de meeira (*tipo de agricultura comum no interior do Ceará em que o proprietário da terra cede ao agricultor os meios para*

*plantar e recebe em troca a metade da safra*). Isso é um sistema de produção medieval e que graças a Deus está diminuindo. Está diminuindo à medida que se consegue não só progressos na área hídrica, se consegue progressos na área de urbanização, de alfabetização e também de uma estrutura agrária, de uma estrutura fundiária mais justa.

**Marta** - Governador, fala-se muito em atração de indústrias, grandes indústrias pro Estado. Por que não priorizar a pequena e média empresa no Estado que gera empregos diretos também?

**Tasso** - Não. aí há um

“(...) a grande concentração dos nossos problemas sociais estão na nossa zona rural. Analfabetismo, mortalidade infantil, indigência(...)”

equívoco. Fala-se em atração de empregos, pode ser grande, média, pequena, local, de fora, o que se quer é atrair emprego. A maioria desses incentivos são dados pra pequenas e médias empresas. Não são as grandes empresas, as grandes a absorver...

**Marta** - No caso de uma indústria de calçados que vem aqui pro Estado, que gera muitos empregos. Mas a gente sabe que aqui tem várias fábricas de calçados que poderiam ter incentivo fiscal maior pra exportação.

**Tasso** - Não existe nenhum tipo de diferença. Quando eu falei em indústria de calçados, ou indústria de calçados local, ou indústria de calçados paulista, ou gaúcha, ou de

qualquer parte do mundo. Todas as indústrias de calçados que atendam à política de industrialização, aos parâmetros de localização no interior, à medida que se leva para os municípios prioritários têm o mesmo incentivo. E a maioria dos incentivos dados são a pequenas indústrias. Eu diria pra você que 80% dos incentivos são para pequenas indústrias.

**Caroline** - Governador, eu queria falar um pouco sobre a falta de água no interior. O deputado (federal) José Pimentel do PT (Partido dos Trabalhadores) denunciou no dia 28 (de outubro de 1999)

*que havia cerca de nove mil poços artesianos no Ceará abandonados. Isso corresponde a 65% do total de poços. E ele disse que a questão do sofrimento do Nordeste não é a falta d'água, é o desinteresse político. E aí o Fernando Bezerra, Ministro da Integração Nacional, disse que só não fez nada em relação a isso porque o Governador do Estado não tinha comunicado a ele. E eu quero saber o que é que o senhor tem a dizer sobre isso, por que é que o senhor não falou nada?*

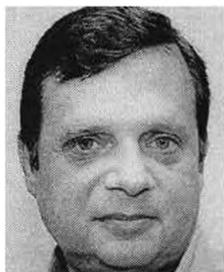
**Tasso** - Como é a história?

**Caroline** - É o seguinte: o José Pimentel denunciou que havia nove mil poços abandonados aqui no Ceará e a respeito disso o Fernando Bezerra, que é Ministro da Integração Nacional, afirmou que não tomou providências em relação a isso porque ele não tinha sido comunicado pelo Governador do Estado a respeito disso. Ele não sabia de nada. Foi até no Diário do Nordeste (jornal cearense de propriedade do grupo Edson Queiroz, que pertence à família da esposa do governador, dona Renata Jereissati) do dia 29 de



A pauta foi discutida em sala de aula três dias seguidos, enquanto se esperava por uma definição, por parte do assessor, da nova data.

Na sexta feira, 29/10/99, precisamente às 21h40, Denísio liga querendo confirmar a data da entrevista para o dia 01/11/99, após ter ficado inacessível durante toda a semana.



Essa confirmação de última hora causou tumulto entre a turma, que já não mais acreditava que a entrevista fosse dar certo. A maioria dos alunos acabou por decidir fazer a entrevista.

outubro (de 1999). *Eu queria saber por que é que o senhor não falou nada e o que é que o senhor tem a dizer a respeito da denúncia do José Pimentel.*

**Tasso** - Eu tenho a dizer que nesse conjunto de coisas aí existe uma desinformação total. É tudo que vocês não devem fazer em jornalismo. Primeiro.....

**Caroline** - Não, eu tenho aqui se o senhor quiser ver....

**Tasso** - (Interrompe) Não, desinformação de quem deu, não é sua não. Desinformação de quem disse, de quem denunciou, de quem falou com o ministro. Eu não acredito que o ministro tenha dito isso, porque...

**Caroline** - Mas se o senhor quiser eu dou até o trecho....

**Tasso** - (Interrompe) Não, eu não quero não, eu tô te dizendo (desinformação) de quem deu essas informações. O deputado\* (José Pimentel), no caso, disse uma grande bobagem porque não sabe o que está acontecendo. Um dos problemas que nós temos no Estado vamos tentar... vamos tentar (explicar). Você tem o problema de água, é estrutural. Você tem localidades em que é possível se resolver o problema pontualmente. Numa pequena comunidade, por exemplo, com a questão do poço. Você tem raras regiões como o Cariri (região localizada ao sul do Ceará, cujas principais cidades são Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte), algumas áreas do litoral em que é possível se resolver de uma maneira até mais ampla com poços. O resto do Estado não é possível se resolver com poços, é necessário a construção de reservatórios, adutoras etc. Nos poços nós temos um grande problema que é a questão dos poços salinizados,

são os poços que dão água salinizada, que não é própria pro consumo humano. Eu não sei dizer, mas nós temos na secretaria, se vocês quiserem ir depois na Secretaria de Recursos Hídricos, vocês têm todos esses dados. Tem um percentual gigantesco de poços que são salinizados. Então é necessário fazer uma política de se levar dessalinizador a esses poços e é o que nós estamos fazendo. A maioria dos poços abandonados são porque salinizaram. Não todos, a maioria. Outros é por questão de manutenção. É uma política do Governo do Estado, não

---

“(...) este ano nós devemos perfurar 5 mil poços e instalar uma quantidade muito grande de dessalinizadores junto às comunidades.”

---

deliberada, mas é uma política em cima da prática vivida, que é impossível pra estrutura do Governo do Estado. São milhares de poços perfurados em todo Estado para que o próprio Governo do Estado faça a manutenção desses poços, que se leve a manutenção pra comunidade e a comunidade cuida de fazer a manutenção desses poços. Mas, mais difícil do que fazer a manutenção desses poços, é fazer a manutenção dos dessalinizadores.

Aí volta de novo a questão da educação. Sem uma educação melhor, uma consciência maior dentro das comunidades de que uma máquina que você instala lá, tá instalada, tá feito o poço, tá colocado o dessalinizador e pronto, resolveu o problema...

(ele não completa o raciocínio. É como se quisesse dizer que de nada adianta). É necessário ter principalmente o dessalinizador, que tem umas membranas que precisam ser limpadas periodicamente pra que não comece a dar problemas. É necessário ter um programa de manutenção. Então, o que se tenta fazer hoje? Primeiro, existe um programa, se eu não me engano, eu não tô na cabeça, mas se eu não me engano, este ano nós devemos perfurar 5 mil poços e instalar uma quantidade muito grande de dessalinizadores junto às comunidades. E o programa, que eu não sei se vocês conhecem, são CVT's (Centros Vocacionais Tecnológicos), são unidades de treinamento tecnológico instaladas em todo o Estado, em todas as regiões do Estado. Fazer com que o CVT treine a população no sentido de fazer a manutenção tanto dos poços, quanto dos dessalinizadores,

isso é uma coisa que se faz constantemente. Agora mesmo, existem algumas regiões do Estado que estão com problemas de água, que estão servidas por carro-pipa. Todo o trabalho em cima dessas comunidades, que estão servidas por carro-pipa, é onde for possível substituir por poço, onde tiver poço salinizado colocar o dessalinizador e onde houver o dessalinizador colocar treinamento pelo CVT para população fazer a manutenção desses dessalinizadores. Nós temos um programa colocado de poços dessalinizadores junto à Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) em que existe uma discussão muito grande dos estados, liderados pelo Estado do Ceará, porque a Sudene

Uma das entrevistadoras encontrava-se em Quixadá. Como fazer para encontrá-la? Das sugestões, a mais surpreendente foi a de convocá-la por uma das rádios da cidade.

não liberou, não entendeu como projeto. Agora, desses municípios que estão em estado de emergência por causa da seca, a manutenção e perfuração de poços, programa que está colocado e já fez parte de várias reuniões e discussões muito grandes entre o Governo do Estado e a Sudene, que é subordinada ao Ministério do Desenvolvimento da Integração Nacional, ministro Fernando Bezerra, nesse sentido. Isso tem sido um grande motivo de atrito o fato de o Governo Federal através do ministério não participar desse projeto. Por isso que eu disse pra ela que quem falou isso estava (*pausa*), não conhecia...

\*O deputado federal José Pimentel, em resposta ao que disse o Governador, afirmou que: "O próprio governador, à guisa de me achincalhar, como procede com todos os que não rezam pela sua cartilha, reforça o que eu falei, na medida em que admite a não operacionalização de vários poços, pela falta de dessalinizadores, ao tempo em que anuncia a instalação de 5 mil poços. Um estudo da Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais - CPRM, um órgão do Governo Federal, fez um levantamento que demonstrou a existência de 13.278 poços profundos públicos e privados, em 183 municípios do Ceará, estando 65% deles desativados. No Programa Federal de Combate aos Efeitos da Seca no Nordeste, em 1998, de um total de 1.623 obras hídricas programadas para o Estado, apenas 284 foram concluídas. Mas, dos 480 poços que deviam ser perfurados, só 170 foram; já os poços instalados deveriam atingir 643, mas reduziram-se a 109; no mesmo programa, 400 poços deveriam ser

recuperados, no entanto a recuperação foi realizada em apenas 5 deles." Ele acrescentou ainda que: "O programa previa também a instalação de 100 dessalinizadores; ao final daquele, nenhum dessalinizador havia sido implantado. Todos esses dados são da SUDENE, portanto, também são dados oficiais e não criados por minha imaginação. Pessoalmente, fui entregar ao Sr. Ministro da Integração Nacional, Dr. Fernando Bezerra, esses dados, pelo que demonstrou ficar muito agradecido. É a realidade dura, nua e crua que o Governador

---

### "Agora mesmo, existem algumas regiões do Estado que estão com problemas de água, que estão servidas de carripa"

---

tenta, do alto de seu orgulho, escamotear. Fosse o Governador um cultuador da virtude da humildade, talvez o Ceará não ostentasse uma das mais brutais concentrações de renda do País. Ou os indicadores sociais cresceriam em concomitância com os indicadores econômicos."

**Celestino** - Governador, o senhor falou em educação. Como é que o senhor vê a baixa aprovação dos alunos das escolas públicas estaduais nos vestibulares das universidades?

**Tasso** - Eu realmente não tenho esse número não, mas me parece que nas universidades estaduais... Qual é o percentual que você tem?

**Celestino** - Bom, por exemplo, medicina de 140 vagas, passaram três. Direito

em torno de dez por cento.

**Tasso** - Na Federal?

**Celestino** - Na Federal.

**Tasso** - E nas outras universidades?

**Celestino** - Bom, esse dado aí eu não tenho.

**Tasso** - Pelos números que eu tenho o grande percentual de alunos aprovados é da escola pública. Da universidade como um todo, mas eu vou me interessar mais por esses números.

**Adailma** - Senhor Governador, dentre os assuntos que são especulados atualmente existe um questionamento quanto à vinda do Cambraia (Antônio Cambraia, prefeito de Fortaleza no período de 1993-1996, que dias antes da entrevista anunciou a sua saída do partido de oposição ao governo, PMDB) para o PSDB. Isso seria um indicativo de apoio do PSDB para a candidatura dele à prefeitura em 2000?

**Tasso** - Não. Não existe nenhuma posição tomada pelo PSDB em relação à candidatura à prefeitura.

**Adailma** - Dentro das eleições de 2002, há uma especulação de que o senhor seria candidato a Presidente. O senhor negou essa possibilidade. Qual seria a resposta que o senhor nos daria agora?

**Tasso** - Eu não tenho esse projeto. Eu não tenho esse propósito. Meu único objetivo político, hoje, é governar o Estado do Ceará e levar todos esses projetos até o fim.

**Victor** - Governador, retornando ao ponto da seca, um dos grandes entraves para a solução do problema da seca no interior, no caso do Nordeste principalmente, são os grandes latifundiários, que obviamente teriam de ceder boa parte... não ceder, mas enfim, democratizar um pouco



No dia da entrevista, a maioria dos alunos chegou ao Cambraia meia hora antes da hora marcada para começar a entrevista, que seria às 15h30. A turma já sabia que o Governador só concederia 1h 30 de entrevista devido a sua viagem para Juazeiro, que estava marcada para às 17h.

Na recepção do Palácio do Governo, todos disfarçavam a ansiedade com descontração. Discutíamos sobre a entrevista e outros assuntos, e quando esperávamos pelos alunos que se atrasaram.



Às 15h10 min, já estávamos na ante-sala do local determinado para a realização da entrevista.

suas terras. E o desafio é que os latifundiários também são um dos grandes financiadores de boa parte das candidaturas no Nordeste principalmente. Então, na sua opinião, como aliar, como acomodar, digamos assim, o interesse dos latifundiários que financiaram, pelo menos eu acredito que financiaram, as campanhas e ao mesmo tempo o interesse do povo, que elegeu aquele financiado?

**Tasso** - Não há nenhuma tentativa de acomodar isso aí. Nenhuma obra hídrica do Estado do Ceará foi parada ou sequer atrasada. Atrasada de vez em quando, na justiça. Mas parada ou retardada por iniciativa do Executivo por qualquer interesse de latifundiário. Na verdade, a estrutura de latifúndios no Estado do Ceará hoje é mínima. Hoje, nós temos em algumas regiões um problema contrário: os minifúndios, propriedades que são tão pequenas que não são produtivas. Elas não têm escala pra sustentar uma família em função do tamanho pequeno que elas são. Hoje o latifúndio no Estado do Ceará não é um problema grave. É um problema ainda, mas não é um problema grave. O que é preciso ter é uma reorganização fundiária, que se dê àqueles que produzem o lote de terra próprio pra que se possa produzir adequadamente. Não tão pequeno, e nem tão grande. Essa é a grande questão. Agora, não existe o menor, menor (com ênfase), nem nunca houve em nenhum momento, qualquer empecilho a qualquer obra hídrica que tenha sido obstaculizada pelos latifundiários. Ao contrário. Às vezes até por movimento... Por exemplo, o (açude) Castanhão (obra iniciada em 16 de novembro de 1995, orçada em

R\$ 119 milhões, a ser repartido entre o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca - DNOCS - e o Governo do Estado do Ceará. A obra deveria terminar dentro de 48 meses. Em outubro de 1998, as obras foram paradas por falta de recursos do Governo Federal) está atrasado um ano e meio por causa de uma iniciativa do deputado (estadual pelo PT) João Alfredo\*. Nunca por causa de latifundiário. Defendendo, aí sim, defendendo os proprietários de terra. Quem assumiu a defesa dos proprietários de terra foi o

---

**“Eu gostaria de ser reconhecido como um homem que trabalhou (...) com muita devoção aos problemas do Estado.”**

---

deputado João Alfredo. Atrassou em um ano, na justiça, no Banco Mundial...

\* Em resposta às críticas feitas pelo governador Tasso Jereissati, o deputado João Alfredo disse ser uma “mentira disparatada”. “Não tenho nenhuma ação contra o Castanhão”, afirmou o deputado pedindo que o Governador mostre qual ação que ele tem contra a obra. Segundo ele, a obra foi atrasada por uma discussão no Conselho Estadual do Meio Ambiente, já que não tinha respondido a questões técnico-ambientais. Além disso, o deputado assinou um documento, juntamente com outras entidades, enviado ao Banco Mundial, em que colocava essas questões

técnicas e ambientais que não estavam respondidas. Sobre o fato de estar defendendo latifundiários, ele disse que sempre esteve ao lado de pequenos proprietários: “Sou advogado de pescadores, agricultores e de pequenos trabalhadores rurais”. Há, para o deputado, por parte do governador, uma “dificuldade de conviver com crítica e oposição” e isso faz parte de um discurso fácil que visa a impedir a discussão sobre a obra. Ele disse não ser poderoso a ponto de fazer parar as obras do Castanhão.

**Victor** - Na sua opinião, a transposição das águas do rio São Francisco é a solução pro problema da seca no Nordeste. E qual a estimativa de prazo pra esse projeto ser terminado?

**Tasso** - Não, não é a solução. Ajuda muito em equacionar a estrutura hídrica do Estado, mas não é a solução. Não é uma coisa que venha, que solucione todos os problemas, os problemas de seca no Estado do Ceará.

**Victor** - E a estimativa de tempo pra...

**Tasso** - É, isso vai depender muito aí de uma questão de discussão que existe muito hoje em função de alguns estados, como Minas, Bahia, Sergipe, Alagoas, que se opõem à construção da transposição. Acho que tem uma negociação muito grande aí, acontecendo nesse momento, e acredito que os principais obstáculos já foram superados. Então vai depender muito de quando essa negociação chegar ao fim..

**Tassiana** - Governador, o senhor há pouco disse que só pensa em governar o Ceará. Então um dia, quando o senhor não estiver mais no governo, como o senhor gostaria de ser

A ante-sala é decorada por quadros de exaltação ao turismo cearense.

reconhecido pelo povo da cidade?

**Tasso** - Eu gostaria de ser reconhecido como um homem que trabalhou com muito afinco, com muita seriedade, com muita devoção aos problemas do Estado.

**Danielly** - O senhor pretende se candidatar a algum outro cargo público quando terminar este mandato?

**Tasso** - Sinceramente, não sei. Não tenho nenhum plano, nenhum projeto de poder público.

**Tassiana** - O que o senhor acha que acertou, nesses dois mandatos e até agora?

**Tasso** - Bom, eu acho que nós temos hoje um estado que é reconhecido nacional e internacionalmente pela credibilidade, o que é muita coisa, capaz de trazer recursos para investimento em obras de infra-estrutura que nós estamos fazendo. Mas, se tivesse que escolher uma coisa, eu escolheria a redução drástica da mortalidade infantil e a quase universalização do ensino básico, como pontos principais.

**Danielly** - E o senhor se arrepende de alguma coisa? Assim, se o senhor tivesse de fazer de novo o senhor não faria?

**Tasso** - (Pausa) Dizer que se arrepende, a gente se arrepende de muita coisa. Dizer que errou, errou muitas vezes. Acho que faz parte. Agora, são tantos os erros que... não diria arrependimento. Diria erros, porque arrependimento é quando a gente faz alguma coisa mal intencionada, quando a gente tá procurando acertar e aquele talvez não fosse o caminho melhor, então, é erro, mas não é propriamente arrependimento.

**Pedro** - Existe um (erro) especial que o senhor passou, que disse "Pô, que vacilo"? (risos da turma)

**Tasso** - Vou procurar me lembrar melhor, mas assim não.

**Adailma** - O senhor se imagina o Tasso apenas empresário? Voltando a ser o Tasso apenas empresário?

**Tasso** - Eu me imagino sim.

**Adailma** - Então a política pode ter um limite na sua vida?

**Tasso** - Pode. Por minha vontade e por vontade do povo também (risos).

**Adailma** - E além dessa vontade do povo, o que seria um limite pra parar na

“(...) não sou nenhum viciado pelo poder. Eu passei quatro anos fora da política e, do ponto de vista pessoal, não tive nenhum problema não.”

política?

**Tasso** - Achar que está com o dever cumprido, que já trabalhou o suficiente, que não tem mais as mesmas condições de trabalhar. Dever cumprido nesse sentido, que já deu sua parcela.

**Adailma** - E o poder vicia?

**Tasso** - Dizem isso. Eu não sou, acho que, por enquanto, não sou nenhum viciado pelo poder. Eu passei anos, quatro anos fora da política e, do ponto de vista pessoal, não tive nenhum problema não.

**Tassiana** - O senhor acha que é um modelo de governador, na atual situação?

**Tasso** - Eu? Não, me acho apenas que... faço tudo pra acertar, e com muita seriedade.

**Pedro** - Mas independente de o senhor ser ou não um

candidato, o senhor foi eleito três vezes governador do Estado. Nessas três vezes, duas no primeiro turno, elegeu o sucessor. Então, o senhor é um nome virtual pra futura campanha presidencial?

**Tasso** - Não, é... Meu nome é colocado, como em algumas entrevistas, em alguns jornais, em alguns artigos, em algumas discussões. Eu sei que é, mas não é uma coisa que me encanta, que me seduza, que me tire do meu, do meu ritmo, do meu padrão e do meu objetivo principal que é governar o Estado do Ceará.

**Pedro** - O senhor disse uma vez, em uma entrevista à (revista) Carta Capital, do editor Mino Carta...

**Tasso** - Um-hum (confirmando)

**Pedro** - ... que um dos maiores erros do homem público seria colocar um cargo majoritário como meta...

**Tasso** - Sem dúvida. Por duas razões. Primeiro, se você está exercendo algum cargo, você tende a se desfocar do seu trabalho completamente e com graves prejuízos pra qualidade e seriedade do seu trabalho, buscando sempre soluções fáceis, às vezes até demagógicas, tendo como objetivo principal um outro posto ou uma outra posição. E segundo o ponto de vista pessoal também. Qualquer cargo majoritário só cabe um. E a pessoa que ficar obcecada, obstinada, como quase tudo na vida, por um cargo, por uma função que não depende apenas dos seus esforços, os riscos que ela (Adailma) colocou, aí se você se ver apenas como empresário... Eu me vejo sempre, porque os riscos de frustração pessoal são muito grandes. É preciso, quando se tá no poder, ter muito cuidado pra avaliar os seus próprios



Na ante-sala é constante o vai-e-vem de funcionários do prédio, homens engravatados e de olhares curiosos.

Fomos recebidos com cafezinho e água. As xícaras de café têm o símbolo do Governo do Estado.



A entrevista não começou pontualmente porque o Governador se encontrava em uma ligação, justificou Denísio.

limites.

**Pedro** - Senhor Governador, o senhor não queria concorrer ao Governo do Estado neste seu terceiro mandato, inicialmente, foi como uma imposição. Seria correto dizer isso?

**Tasso** - É, mas...

**Pedro** - Pode acontecer algo semelhante...

**Tasso** - Não, não diria que foi imposição, nem diria que ser candidato à Presidência da República é uma imposição. Eu digo que não é um projeto, nem uma obstinação, que qualquer alternativa que venha a me caber, naturalmente, eu aceito com a maior tranquilidade.

**Marta** - Senhor Governador, o *Ciro Gomes* (governador do Ceará no período de 1991-94, ministro da Fazenda em 1994 e candidato à Presidente da República em 1998 pelo PPS) já lançou a candidatura dele à Presidência. Como seria, no caso de uma possível candidatura sua, concorrer com um aliado político?

**Tasso** - Eu não gostaria nunca de concorrer com o *Ciro*.

**Adailma** - O senhor já afirmou, em entrevista à *Playboy* (entrevista da edição de janeiro de 1998), que, no Ceará, sempre estaria ao lado do *Ciro*. E nesse caso, seria mais importante o cargo político?

**Tasso** - Eu acho muito difícil essa hipótese ocorrer, porque eu venho acompanhando o *Ciro*.

**Adailma** - Senhor Governador, na sua primeira candidatura, em 86, o *Virgílio Távora* (governador do Ceará nos períodos de 1963-66, pela coligação UDN-PSD, conhecida como União pelo Ceará, e de 1979-82 pelo PDS, ex-senador já falecido) chegou a afirmar que, mesmo com a

*inexperiência na política o senhor estava partindo do CIC* (Centro Industrial do Ceará do qual foi presidente), esse novo desafio, o senhor venceria os obstáculos até por vaidade. O senhor se sente um homem vaidoso?

**Tasso** - Não. Tenho vários defeitos, esse não é um dos. Tenho uma vaidade mínima que toda pessoa tem, mas não é o dos meus defeitos mais exacerbados não.

**Victor** - Governador, qual a sua opinião particular a respeito dessa recente reforma da Previdência do (presidente) *Fernando Henrique*, e ainda

---

“(...) não é uma coisa que me encanta (Presidência da República), que me seduza, (...) meu objetivo principal é governar o Estado do Ceará.”

---

*a possível contribuição dos inativos, que está gerando uma polêmica em todo o País, inclusive como o Supremo* (Tribunal Federal-STF). O senhor pretende aplicar essa política aqui no Ceará também?

**Tasso** - Contribuição dos inativos, aqui no Ceará, sim, com toda certeza. Os inativos, os servidores públicos, com toda certeza. Porque esse é um dos maiores problemas que nós temos a nível nacional e a nível estadual também. Estruturalmente, é um grande problema que nós temos. Todo o sistema previdenciário, todo o sistema de aposentadoria, se baseia, em qualquer parte do mundo, se baseia no período de contribuição. O que a pessoa

durante sua vida ativa tenha feito uma espécie de uma poupança e uma contribuição pra um sistema qualquer pra que, quando ela alcance a sua aposentadoria, ela venha a usufruir dessa sua contribuição. E é assim que fecha a conta. Você contribui ao longo da vida e, durante sua aposentadoria, você tem esse recurso de volta. Se não há contribuição, e é o que acontece aqui no Estado do Ceará, no país de uma maneira geral, no serviço público, boa parte... boa parte, mas não tudo, grande parte dos servidores do Estado não fizeram contribuição. E além de não terem feito contribuição, uma parte expressiva, não um número de pessoas, mas em volume de recursos, é beneficiária de um sistema casuístico, clientelista, e que passaram a ter aposentadorias gigantescas, sem nunca ter contribuído pra essa aposentadoria. E, portanto, dentro de um sistema geral, em que a sociedade toda contribui, um grupo privilegiado não contribuiu e tem uma

contribuição gigantesca, sendo pago pelo resto da sociedade, que, além de pagar o seu, paga pra esse grupo privilegiado. Vou lhe dar um exemplo aqui no Estado. Nós temos aposentados com R\$ 45 mil por mês de aposentadoria, sem nunca ter pago um tostão de contribuição. Quem está pagando somos nós todos, todos vocês. Esse sistema (*o de contribuição dos inativos*), além de ser necessário pra ajustar o caixa, a estrutura financeira do Estado, ele é justo. Absolutamente justo.

**Victor** - No caso, o senhor está dizendo que o justo estaria pagando pelo pecador...

**Tasso** - Hoje está.

**Victor** - Essa parcela da população que o senhor se

Ao invés de chamar o professor Ronaldo, que é o responsável pela revista Entrevista, para comunicar que o Governador nos atenderia em poucos instantes, o assessor do Governador preferiu chamar uma das alunas da turma, com a qual ele havia mantido contato no início da pré-produção.

refere, que ganha R\$45 mil de aposentadoria sem nunca ter pago um tostão, é bem diferente daquele aposentado que todo mês vai na porta do banco ganhar R\$136...

**Tasso** - A maioria do Estado nunca contribuiu. Passaram a contribuir há pouco tempo. Os servidores do Estado. Quando a gente fala contribuintes, fala a maioria dos contribuintes, vamos diferenciar os contribuintes do Estado e da iniciativa privada. Esse é verdade. Quer dizer, o que está acontecendo é justamente isso que você falou agora. O justo tá pagando pelo pecador, ou seja, o da iniciativa privada, que não pertenceu a esse sistema, é quem está pagando por esse sistema. A maioria dos inativos do Estado não pagaram a contribuição devida.

**Victor** - Não seria mais legal, então, legal que eu digo juridicamente falando, óbvio, fazer como, por exemplo, os ministros Waldir Pires (ministro da Previdência no governo José Sarney e ex-governador da Bahia) e (ex-governador do Rio Grande do Sul no período de 1995-98) Antônio Brito fizeram, ou seja, cobraram apenas daqueles que estavam devendo à Previdência, que a gente sabe que hoje é muita gente. Ou seja, eles sanaram a Previdência cobrando de quem estava devendo, e não simplesmente colocando mais um ônus em cima da população. Não seria mais justo...

**Tasso** - Não, aqui o sistema previdenciário do Estado... Você está de novo confundindo as coisas. O sistema privado, o sistema de dívidas da Previdência é privado. São empresas que deixaram de contribuir para o sistema de previdência do INSS (Instituto

Nacional de Seguridade Social). O sistema de contribuição de inativos é estadual, estatal. Ele não tem nada a ver com a iniciativa privada. Não tem ninguém devendo ao sistema de Previdência do Estado, ninguém devendo. O sistema do Estado é único. É o Estado quem recebe, e o Estado quem contribui. Não tem outros no meio desse sistema, entendeu?

**Caroline** - Governador, e o relacionamento do senhor com o Presidente da República? No primeiro mandato, o senhor era um conselheiro sempre ouvido pelo presidente. E agora, o senhor

“(...) não diria que foi imposição, nem diria que ser candidato à Presidência da República é uma imposição. Eu digo que não é um projeto(...)”

declarou na Folha (de São Paulo) que o que está aí está ruim, e até propôs algumas mudanças na política econômica, que o senhor não saberia dizer exatamente quais são. Foi em agosto essa entrevista. O senhor, hoje em dia, já saberia se mudaria essa política econômica?

**Tasso** - Não, não é que eu não sei. O problema é que é um problema complexo. Você trazer uma proposta alternativa de política econômica nacional, você tem que estar debruçado sobre todos os problemas, tem que estar estudando. Não é uma coisa simples, estudando alternativas. Ah... Mais do que isso. Participando de um processo de discussão bem mais amplo. Porque aquilo que

é bom numa proposta sua não pode ser bom pra outra proposta. Eu não conheço nenhuma fórmula pronta que esteja aí. Então eu não estou me propondo a dar uma fórmula pronta. A minha maneira de entender a administração é sempre em cima de resultados. Ora, o que eu disse nessa entrevista da Folha foi o seguinte: o objetivo final de uma boa política econômica é gerar emprego. (Pausa) O objetivo de dar a estabilidade da moeda é meio. A estabilidade da moeda é meio, é premissa pra que se possa gerar crescimento e empregos com consistência. Se isso não está

acontecendo, ela não é boa.

Então, se não é boa, se eu tivesse responsabilidade direta, eu estaria estudando alternativas porque os resultados até agora não têm sido bons. Algumas mudanças já foram feitas de lá pra cá. Agora mesmo está se discutindo a nova base de negociação com o Fundo Monetário (Internacional).

A própria política cambial mudou de uma maneira

drástica. A política cambial era uma coisa que estava emperrando o País. Estava amarrando o País, estava amarrando o crescimento do País, quase dando um nó sem saída. A mudança da política cambial abriu, desatou este nó, até trazendo problema de curto prazo, mas desatou o nó de não ter nenhuma perspectiva de crescimento futuro. Então algumas coisas eu acho que já... Algumas modificações estão em andamento.

**Caroline** - Enesse segundo mandato, qual a relação do senhor com o Presidente?

**Tasso** - Ah... A minha relação é bastante boa. O presidente Fernando Henrique tem nos ajudado bastante aqui no Ceará, bastante. Tem dado



Fim da espera: 15h51. Às 15h 55, todos estavam acomodados na sala em que foi concedida a entrevista.

De repente, o Governador entrou na sala e foi apresentado a cada um dos entrevistadores pelo professor Ronaldo Salgado.



Ao explicar ao Governador que só 8 alunos, dos 16, o entrevistariam, o professor Ronaldo foi indagado pelo Governador se os demais estavam proibidos de perguntar.

recursos bastantes, historicamente inéditos no Estado do Ceará. E como eu disse: minha obrigação é governar o Estado do Ceará. À medida que ele esteja atendendo corretamente o Estado do Ceará, essa relação política continua sendo boa.

**Tassiana** - Como é ter trânsito livre com o Presidente? Dá um certo orgulho em ele lhe escutar, escutar algumas propostas? Porque digamos que é restrito.

**Tasso** - Eu não diria que tem esse trânsito livre. Talvez até sim, mas escutar significa escutar e ser ouvido. Então eu não tenho essa capacidade de que minhas propostas e minhas opiniões sejam digeridas pelo Presidente.

**Pedro** - Agora, em relação ainda a essa entrevista (da Folha de São Paulo). O que ficou naquilo que foi dito é que o senhor se afastou do que vem dizendo o presidente Fernando Henrique e se aproximou mais do que vinha dizendo há um tempo o ex-governador Ciro Gomes, no caso, a necessidade de o Brasil buscar outra linha que se adeque mais às necessidades dele (o País) ao invés de se basear em experiências de outros países. Então, o que tem é isso mesmo, uma maior aproximação com Ciro Gomes do que com o presidente Fernando Henrique?

**Tasso** - Não, não. É apenas uma observação naquele momento crítico que eu avaleiei como oportuno de dizer que o presidente já sabia a nossa opinião há muito tempo.

**Adailma** - Senhor governador, agora fazendo um certo apanhado da sua vida, o que o trouxe de volta ao Ceará?

**Tasso** - O que me trouxe de volta?

**Adailma** - Exatamente. O

senhor passou adolescência em São Paulo...

**Tasso** - É porque eu... Sim, continue.

**Adailma** - Seria uma visão empresarial, teria sido...

**Tasso** - Não. Na verdade, eu fui morar fora porque meu pai foi político (*Carlos Jereissati, getulista convicto. Em 1962 chegou ao Senado, representando perspectivas de avanço contra as forças conservadoras do Partido Social Democrata - PSD - e da União Democrática Nacional - UDN. Morreu em 1963, aos 46 anos, de problema cardíaco*) e, pelas circunstâncias, eu fui morar

“(...)escutar significa escutar e ser ouvido.(...) não tenho essa capacidade de que minhas propostas e minhas opiniões sejam digeridas pelo Presidente.”

em Brasília. E a capital era no Rio (*de Janeiro*) e, como meu pai tinha negócios em São Paulo também, comecei a trabalhar na vida profissional fazendo faculdade e trabalhando em São Paulo. Eu nunca me desliguei do Ceará. Eu tive a vida inteira, até pela vida do meu pai, muito ligado ao Ceará. E era sempre uma alternativa de vida pra mim no momento correto de voltar pro Ceará.

**Celestino** - Governador, o senhor tem um alto índice de aprovação popular. No entanto, entre os servidores públicos, o senhor parece não ser muito querido. O senhor vê nisso uma contradição?

**Tasso** - (Pausa) Olha, eu gostaria de ver essa pesquisa que mostra que eu não sou -

não é que eu sou querido, não me considero querido, mas que eu não tenho a mesma proporção nos servidores públicos. Em todas as pesquisas que eu vi, a proporção entre os servidores públicos é mais ou menos a mesma do que do resto da população. Existe uma parcela dos servidores públicos, e essa sim, é esse que eu, não sei como lhe responder, representados por esses dos R\$45 mil. Nós tiramos muito e não é fácil. É muito mais fácil você preservar esses privilégios dessa parcela, porque são justamente os servidores públicos que têm, que são formadores de opinião, que

estão na mídia, que participam ativamente da formação que tem voz, que têm força na Assembléia Legislativa, que têm força nas universidades. São esses servidores. Eu lhe garanto que os servidores de salário mínimo e de salário mais baixo, a proporção é maior.

**Victor** - Governador, no seu primeiro mandato, uma das suas bandeiras de campanha era acabar com o coronelismo e com o continuísmo. O senhor tá no seu terceiro mandato, tendo eleito o seu sucessor (em 1990). Como é que o senhor explicaria essa possível contradição de o senhor ser contra o continuísmo há 15 anos, e hoje o senhor tá há quase 16 anos no poder?

**Tasso** - É, eu nunca falei especificamente continuísmo. Eu falei em coronelismo. Nós vínhamos de, talvez porque vocês não tenham vivido isso, mas nós vínhamos de um movimento de governadores. Praticamente o sistema era oligárquico, a partir de que toda essa manutenção do poder no Estado do Ceará, que durou anos e anos, foi um sistema arranjado. Não foi um sistema

O Governador se mostrou bastante sereno e tranquilo durante a entrevista.

a partir de eleições democráticas, diretas, como é o sistema de que eu participo. Eu nunca participei de qualquer eleição, ou qualquer cargo público, que não tenha sido através de eleições livres, democráticas, diretas pelo povo.

**Adailma** - *Dentro dessa primeira candidatura, o que era discutido mais nessa primeira campanha, era exatamente a dificuldade de quebrar esse coronelismo. Então a campanha foi bastante vista como mais um primeiro momento de desafio pra esses coronelistas. Qual foi a sensação, durante a campanha provavelmente, de já ver a possibilidade de ser um vitorioso, e quando foi um vitorioso?*

**Tasso** - Mais, mais difícil do que quebrar o sistema, e aí vem esse sistema que causa muitas insatisfações, até ódios, rancores, muito mais difícil do que na campanha foi durante o governo. Houve momentos em que nós ficamos completamente isolados aqui, em termos de elite, aqui no Estado. Eu diria que bons anos nós tínhamos o isolamento total. Houve o rompimento da Assembléia Legislativa conosco, houve o rompimento de boa parte da mídia conosco, houve o rompimento de quase todo o sistema político conosco, e que eu estou falando de praticamente de toda a elite do Estado do Ceará que, de uma maneira ou de outra, tinha uma vinculação direta ou indireta com o Estado e com benesses do Estado. Então, foi um momento muito difícil esses momentos do governo, em que muitas vezes eu cheguei a pensar que nós não íamos conseguir. Podemos dizer que hoje nós conseguimos, com o apoio muito grande da

população. Sem o apoio da população, nós não teríamos conseguido. E não conseguimos totalmente não. Existem ainda reminiscências dessa cultura que estão aí e sempre querendo voltar, e sempre ameaçando voltar.

**Tassiana** - *Governador, o senhor falou em mídia, né? Qual é a atual situação de sua relação com os meios de comunicação aqui no Ceará?*

**Tasso** - Olha, é uma relação boa, à medida que hoje não há nenhuma relação de dependência, com exceção de alguns órgãos que são sistematicamente contra. Existe nenhuma relação nem de atrito, nem de

---

**“Eu tive a vida inteira, (...) muito ligado ao Ceará. E era sempre uma alternativa de vida pra mim no momento correto de voltar pro Ceará.”**

---

dependência. Eu acho que essa relação é ideal. Existe um ou outro meio de comunicação que tenha a ação de posição sistemática de oposição que não depende do governo.

**Pedro** - *Fala-se que o jornal O Povo, no primeiro mandato do senhor, teria feito uma proposta ao senhor para o senhor oferecer isenção fiscal ao jornal O Povo...*

**Tasso** - Isso não é verdade não.

**Pedro** - *Não é verdade?*

**Tasso** - Não é verdade não, mas tem muitos articulistas tidos como independentes hoje, que eram donos de jornais, de jornais. E viviam do governo, totalmente do governo.

**Victor** - *Quem?*

**Tasso** - Totalmente do

governo. Eu não vou citar nomes aqui agora porque eu já cansei de briga. Eu só entro em briga se me obrigarem. Mas eles sabem. Se vocês pesquisarem, vão... Mas que sistematicamente viviam só do governo. Tinham mesadas do governo. Eram milionários por dotações do governo, e que hoje são absolutamente opositores ferrenhos (*ênfaticamente*) do governo e, pra vocês, que não conheceram a época, são nomes independentes, estão aí falando por convicções ideológicas etc etc.

**Tassiana** - *Governador, como é governar sem ter a maior e mais importante TV (TV Verdes Mares, emissora cearense afiliada à rede Globo, pertencente ao grupo Edson Queiroz) aqui do Ceará, sem mostrar os fatos políticos do governo?*

**Tasso** - Olha, eu estou saindo daqui a pouco, vou sair já, já pra Juazeiro (*Juazeiro do Norte, cidade localizada na região do Cariri, no sul do Ceará, a 538 quilômetros de Fortaleza*). Tem sido uma política constante nossa não perder o contato direto com a população, desde o primeiro dia de governo até hoje. À medida do possível, não perder o contato direto com a população.

**Pedro** - *Nesse momento de isolamento, o senhor, como empresário, pensou em comprar um jornal, montar um jornal?*

**Tasso** - Nesses momentos não.

**Pedro** - *Nunca passou isso pela cabeça do senhor?*

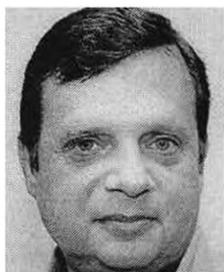
**Tasso** - Não, não nesses momentos. Em outros momentos, eu tive essa idéia, mas não nesses momentos de isolamento. Nesses momentos de isolamento total eu não tinha...

**Pedro** - *A partir de que*



Tasso se mostrava bastante à vontade, vestindo a sua tradicional camisa azul celeste e uma calça jeans clara.

Mais uma vez, fomos servidos de água e cafezinho. O Governador tomou café com adoçante (4 gotas).



O Governador não se exaltou em nenhum momento durante a entrevista. Mostrava-se entretanto cauteloso com atos e palavras.

*momento esse quadro de isolamento passou a se reverter?*

**Tasso** - Quando de fora pra dentro os meios de comunicação passaram a reconhecer o trabalho. Apesar de que dentro pra fora, em opinião pública, nós nunca perdemos. Mas de fora pra dentro os meios de comunicações começaram a prestar atenção o que estava acontecendo aqui. Em 1989, por aí assim, quando todos os estados brasileiros estavam quebrando, o Estado do Ceará era o único que estava acontecendo ao contrário. E que tinha a fama de ser o pior Estado do Brasil em todo esse tipo de coisa. Então começou a chamar naturalmente atenção de fora pra dentro.

**Caroline** - *Senhor governador, o senhor disse no início do mandato que a idéia neoliberal não ia prevalecer no governo do PSDB, que essa idéia até não existia entre vocês. Só que, se a gente for meio que comparar, estudar neoliberalismo, vai ver que muitas características desse governo tem a ver com a ideologia neoliberal...*

**Tasso** - Do meu governo?

**Caroline** - *Como é que o senhor pode explicar isso? Sim, privatizações.*

**Tasso** - Então, de novo, eu vou dizer uma coisa. O Governo do Estado do Ceará tem uma participação intensa em tudo. Não tem nada com o neoliberal. Nós participamos da educação básica, não só da educação básica, mas de toda a educação profissional. O processo de industrialização é... Até o processo de incentivo é processo do Estado, no plano da infra-estrutura é participação do Estado, a questão da água é uma questão do Estado, enfim, se você for analisar do

ponto de vista ideológico... Apesar de que cada vez mais esses rótulos vão perdendo de importância. Mas se for por aí, o Estado do Ceará, se for acusado, é de uma intromissão excessiva, até estatizante, em relação a todos os setores, todos os setores da vida pública no Estado.

**Marta** - *Governador, nos processos de privatização da Teleceará (Telecomunicações do Ceará S/A, empresa responsável pelo serviço de telefonia no Estado antes da privatização), hoje Telemar (atual responsável pelo serviço de telefonia fixa no Estado do*

---

“(...) tem muitos articulistas tidos como independentes hoje, que eram donos de jornais(...). E viviam do governo, totalmente do governo.”

---

*Ceará), e da Coelce (Companhia de Eletricidade do Ceará, privatizada em 1998) houve um grande número de demissões. Como é o governo incentivar a privatização e ao mesmo tempo o senhor dizer que o objetivo maior do governo é gerar emprego?*

**Tasso** - Aí estamos falando só de Coelce porque as outras privatizações não têm nada a ver com o governo do Estado, né?

**Marta** - *Certo. E o sistema Telebrás?*

**Tasso** - O sistema Telebrás não tem nada a ver com o Estado, é federal. Incentivar emprego significa incentivar emprego produtivo. É preciso entender que o sistema paternalista de emprego, apenas

para deixar uma pessoa colocada sem produzir, isso a longo prazo fale, como faliu todos os exemplos históricos disso aí. Se promover qualquer sistema que se leve a maior produtividade, a médio e longo prazos, está se gerando mais emprego, se promover ou se fechar os olhos do sistema de falta de produtividade, de ineficiência e de adequação, simplesmente acomodação, a dar empregos improdutivos isso leva à falência e à falta de emprego generalizada. Aqui, mesmo no Estado do Ceará, nós podemos dizer que tivemos alguns casos de demissões, de

87 para cá, mas boa parte dos casos são despesas, ineficiências que estão gerando a impossibilidade de se alavancar um processo constante e consistente de emprego.

**Marta** - *E como é que o governo hoje regula... porque a gente sabe que existe acomodação no funcionalismo público, como o senhor mesmo falou que existia no caso da Coelce, como é que o governo regula isso hoje com os seus funcionários?*

**Tasso** - Com os funcionários do Estado diretamente?

**Marta** - *É, do Estado. Ou o senhor acha que não existe...*

**Tasso** - Não. Existe, existe. A gente procura dar a maior eficiência possível... mas hoje nós já alcançamos uma melhora muito grande. Em alguns setores, já não existem mais e em outros setores existe, mas hoje é muito difícil, até pela legislação atual, você fazer um ajuste maior. Nós temos sistematicamente trabalhado nesse sentido e a produtividade dos funcionários do Estado é hoje seis ou sete vezes maior do que já foi, mas tá longe de ser perfeito. Não só porque é

O assessor Denísio Pinheiro se mantinha nos bastidores da entrevista sem fazer qualquer interferência.

uma máquina muito grande e é difícil que a própria máquina consiga fazer, mas até pela legislação atual.

**Tassiana** - Governador, falando um pouco da imagem do Governo. O que o senhor acha da propaganda do seu governo? Elas condizem com a realidade ou são fantasiosas, os dados mostrados lá...

**Tasso** - Não tem nada que seja fantasioso. Não tem nada, absolutamente nada, que seja fantasioso. Nada...

**Tassiana** - Nem os 97% de crianças alfabetizadas (refere-se a um dos outdoors da cidade que divulgava que 97% das crianças do Estado estavam na escola e as outras eram as que estavam nas ruas)?

**Tasso** - Isso é dado do MEC (Ministério da Educação e Cultura). É pesquisa oficial do MEC. Não tem um dado que seja propagado pelo governo que não seja oficial. Esse é dado levantado pelo Ministério da Educação no Brasil inteiro. Eles fazem um levantamento em todo o Brasil. Isso é senso do MEC, não é nosso não.

**Tassiana** - Certo. E partindo um pouco para o marqueteiro político, existe (possibilidade de) ganhar uma eleição hoje sem a ajuda do marqueteiro político?

**Tasso** - É possível. É possível ganhar eleição sem ajuda do marqueteiro político. O marqueteiro ajuda, mas você não ganha a eleição ou deixa de ganhar por causa do marqueteiro. Não, isso seria uma exceção. Tá bom? Eu agradeço vocês aí, mas é que eu tô ainda com uma audiência aqui e eu preciso sair para Juazeiro, tá? Um compromisso lá junto com a ...

**Adailma** - Seria interessante se a gente pudesse ver um pouco da formação, um

pouco da influência política, o senhor acha que houve um pouco de herdar do senhor Carlos Jereissati essa tendência à política, essa paixão pela política?

**Tasso** - Olha, pode ser até que inconscientemente. Do ponto de vista consciente não. Eu estudei e me preparei a vida inteira para não voltar à política, nunca pensei que ia entrar na política na minha vida, depois que eu entrei na faculdade, depois da morte do meu pai. Quando meu pai morreu, minha família toda praticamente se ausentou da vida política, de contato político e tudo que eu me

“Tem sido uma política constante nossa não perder o contato direto com a população, desde o primeiro dia de governo até hoje.”

preparei foi para ser um profissional na vida privada. Não tinha a menor expectativa de voltar, pode ser que, inconscientemente, o fato da convivência que eu tive com o meu pai, nos anos em que eu pude, tenham influenciado e tenham me dado um certo gosto pela política.

**Caroline** - Mas governador, quando o senhor decidiu entrar na carreira política o senhor estudou ciência política?

**Tasso** - Não

**Marta** - E que tipo de orientação política o senhor dá hoje aos seus filhos?

**Tasso** - Eu não induzo os meus filhos pra política, nem pra que entrem nem pra que não entrem em política. Eu acho até que eles não têm a

menor vontade de participar da vida política não.

**Victor** - Qual o ônus para a sua família ter um pai e um marido Governador do Estado?

**Tasso** - É, eu acho que talvez, por causa disso, eles não tenham muito entusiasmo pela vida pública. Eu já tenho até filhas mais velhas que vocês aqui, eu tenho filha de 24 anos, já, que é a mais velha, mas não tem a menor vontade de entrar na vida política. É muito duro. Se vocês, por exemplo, aqui ela (*Tassiana*) falou que 97% é fantasia. Eu sei que se diz isso muito por aí, mas não é fácil a gente trabalhar, trabalhar, trabalhar muito, e ver muitas mentiras, calúnias sendo difundidas por aí.

**Marta** - É porque mesmo que você mostre esses números, você vai ao interior ou mesmo aqui na capital, você vê pessoas mendigando, vê pessoas em péssimas condições de vida e não é o que mostram os números que o governo ou os meios de comunicação mostram pra...

**Tasso** - Eu tô falando em 97% das crianças entre 7 e 14 anos dentro da sala de aula, não é de pobreza.

**Marta** - No caso dos poços então em que o senhor diz que o governo dá incentivo.

**Tasso** - Dá incentivo não, fura poços...

**Marta** - Fura poços, prepara pessoas, prepara comunidades pra manterem os poços, mas se você vai no interior, o problema da falta d'água hoje é latente, não tem como negar.

**Tasso** - Nem eu estou negando que não exista problema de falta d'água. Tem muitos poços que são salinizados, muitos lugares em que não há poço, em que não há



Na sala, além do Governador, seu assessor, professor Ronaldo e os alunos, encontravam-se a coordenadora de cerimonial, Marilu Távora, e o técnico de som, José Rolim Esmeraldo.

Em alguns momentos, o Governador se declinava sobre a extensa mesa de vidro para melhor ouvir os alunos ou para relaxar sua tensão.



Muitas vezes o Governador se dirigiu aos entrevistadores de forma paternalista. Chamando-os de "minha filha" ou enfatizando que os entrevistadores eram muito jovens para lembrar de certos fatos.

possibilidade de poço e muitos lugares ainda que não foram alcançados por poços. Nós estamos falando de milhares, de dezenas de milhares de comunidades que existem no Estado do Ceará que ainda não foram alcançadas em poços. O que eu disse e vou repetir é que nós temos um programa de perfurar cinco mil poços, que temos um programa de dessalinizadores e que existe um problema sério de manutenção tanto de poços e, principalmente, de dessalinizadores. Não disse que não existe problema de água não. Não há nada do que eu disse que não possa ser comprovado.

**Adailma** - Voltando a questão pessoal, em entrevistas, até dada à Playboy, o senhor falou que as suas filhas reclamavam bastante até da questão de ter que

*andar com seguranças, o senhor falou que elas só reclamam, quais são as principais reclamações delas?*

**Tasso** - Eu não disse que elas só reclamam não, também não é só, eu não disse que elas só reclamam, ele (Victor) perguntou qual era o ônus pra vida familiar. Eu disse a ele que é muito grande, e que, provavelmente, por causa disso, nenhum mostre nenhuma vocação ou gosto pela vida política. Eu não disse que elas só reclamam não, então seria...

**Tassiana** - O senhor falou de mentiras, mentiras contra o governador, como é que elas lidam sabendo que tem muitas coisas contra o pai delas, como seria?

**Tasso** - Eu acho que algumas coisas machucam e

outras elas já se acostumaram.

**Tassiana** - O senhor é um pai presente?

**Tasso** - Na medida que a minha vida permita sim, né? Mas a vida que a gente leva não permite ter a vida normal de um pai, da maioria dos pais, né? Tá bom, queria agradecer a vocês aí, mas eu tô... Era o que vocês estavam querendo?

**Tassiana** - Mais uma horinha...

**Adailma** - É possível mais tempo?

**Tasso** - Hoje? Não porque eu preciso estar em Juazeiro. Quem sabe outro dia a gente possa marcar. Hoje é por causa dos meus compromissos que eu não posso faltar. Tá bom? Obrigado a vocês, felicidade e sucesso na carreira.